



A formação em Psicologia: um estudo sobre as representações sociais dos ingressantes do curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho – Teresina-Pi sobre sua escolha profissional e as interfaces com a proposta curricular da IES

Antonieta Lira e Silva¹

Joara Delane Sousa Ribeiro²

Maria Zilda Silva Soares Arruda Linhares³

RESUMO: O trabalho proposto objetiva compreender as motivações que levaram alunos ingressantes a realizarem a escolha pela graduação em Psicologia e relacioná-las ao perfil do egresso proposto pelo Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho – FSA - Teresina-Pi, no intuito de refletir junto ao corpo discente à construção da sua trajetória na formação do ser psicólogo. Utilizou-se como referencial teórico-metodológico a teoria das Representações Sociais. Os resultados apresentam duas categorias que simbolizam as representações sociais em torno da temática: a singularidade no momento da escolha e a prática do exercício profissional. Vale ressaltar, que diante do perfil profissional do egresso de Psicolo-

¹ Psicóloga-Ms. Diretora de Ensino da Faculdade Santo Agostinho – FSA e Coordenadora do Serviço Escola de Psicologia – SEP/FSA;

² Pedagoga-Ms. Coordenadora do curso de Pedagogia da FSA. Tutora dos Cursos de Graduação em Psicologia e Direito da Faculdade Santo Agostinho-FSA;

³ Psicóloga-Ms. Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho-FSA e Professora da Faculdade de Ciências Médicas do Piauí-FACIME.

gia apresentado no Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia (FSA) existe uma coerência com as representações sociais ligadas ao exercício profissional; no entanto, a representação social ligada à singularidade indica demandas iniciais que devem ser modificadas ao longo da formação baseados na própria dinâmica técnico-pedagógica do Curso.

Palavras-chave: A formação em Psicologia. Motivações pela escolha. Representações sociais.

O PERFIL DO FORMANDO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA FSA E AS EXIGÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR

As Instituições de Ensino Superior – IES, têm entre outras atribuições, a responsabilidade de promover a articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão o que implica a priori a sistematização em seu Projeto Pedagógico Institucional - PDI dos princípios, finalidades e a missão que nortearão as Instituições, entre estas, os Projetos Pedagógicos dos Cursos – PPI.

Os Projetos Pedagógicos dos Cursos apresentam a definição de vários aspectos de ordem teórico-metodológicos, entre os quais, destaca-se o perfil do formando que estabelece características previstas para a prática do exercício profissional de forma coerente e ética. Neste estudo, em particular, será enfatizado o perfil do formando em Psicologia na FSA⁴, tendo em vista orientar a reflexão em torno do processo Ensino, Pesquisa e Extensão e sua relação com a postura do alunado durante toda a sua trajetória na IES. Vale ressaltar, que o perfil profissional que a FSA deseja para os egressos de Psicologia envolve o domínio cognitivo, a competência técnica, as formações humanísticas e político – social, tendo em vista oferecer ao mercado de trabalho profissionais capazes de contribuir efetivamente para as desejadas transformações sociais.

O perfil do formando previsto no Projeto Pedagógico do Curso está alicerçado em referenciais teórico – metodológicos crítico-reflexivos, que pressupõem a participação efetiva do corpo discente frente a seu processo de aprendizagem. O aluno necessita, sob esta perspectiva aprender a aprender, visto que o Ensino Superior deve possibilitar

⁴ Faculdade Santo Agostinho – FSA, Instituição de Ensino Superior – IES privada, está no mercado desde 1998 e oferece cursos de graduação e pós-graduação, entre os quais, está o Curso de Psicologia, criado pela Portaria 561, publicado no D. O. U. em 29/06/1998.



ao seu corpo discente práticas problematizadoras, que se contrapõem as propostas meramente instrucionistas.

De acordo com Demo (2001, p.85) o instrucionismo reduz-se a uma proposta em que cabe ao professor ensinar a aula, e ao aluno escutar, tomar nota e fazer prova. Nesta proposta, vê-se o papel do aluno limitado, o que o levaria a transitar somente pela reprodução dos conteúdos, desconsiderando que as atividades reconstrutivas fazem parte de sua vida acadêmica, posto ser a pesquisa o eixo que interliga o Ensino e a Extensão.

Aprender a aprender pressupõe a compreensão da postura do próprio aluno diante de sua tarefa, a de estudar; tal tarefa impõe-se, a partir de uma dedicação sistemática ao desvelamento da realidade, com estilo próprio e reconstrutivo pela iniciação a prática investigativa, o que perpassa pela compreensão crítica de sua formação no Ensino Superior, mais especificamente, no curso escolhido.

Compreender criticamente a proposta do Curso de Psicologia na FSA é também uma outra tarefa do próprio aluno como responsabilidade por sua formação. Ressalta-se que esta responsabilidade é a princípio assumida pela IES, ao delegar atribuições ao seu corpo técnico-administrativo a partir da atuação conjunta de segmentos como Direção de Ensino, Coordenação, Núcleo de Apoio Pedagógico e Corpo Docente. No entanto, deve-se chamar a atenção do aluno do curso para a necessidade dele próprio, a partir dos mecanismos pedagógicos que lhe são oferecidos pela IES, como a proposta pedagógica do seu curso, de sua matriz curricular, enfim das orientações dos docentes e equipe pedagógica, superar uma postura passiva, em função de uma outra que se coadune com as proposições pertinentes ao contexto da trajetória na sua formação na IES, o que também representará posteriormente a superação de desafios profissionais.

A inserção no atual mercado de trabalho impõe aos profissionais de todas as áreas, perfil inovador capaz de enfrentar desafios na profissão, investimento contínuo nos estudos e atualização na área. Nesse sentido, cita-se o próprio Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia da FSA⁵:

As atividades e aprendizagens vivenciadas pelos alunos do curso de Psicologia em hospitais, ambulatórios, escolas, repartições públicas e outros, integradas ao conhecimento estudado e avaliado em salas de aula aumentam a segurança de que além do conhecimento das informações, há um conhecimento que se efetiva e se define por aquilo que, necessariamente, os alunos passam a fazer diante dos problemas, solicitações e exigências das circunstâncias com

as quais se deparam e diante das quais precisam apresentar uma atuação profissional compatível e que dependerá sempre de sua formação e qualificação profissional (PPC-FSA, 2006, p.44).

Este processo indiscutivelmente, inicia-se na própria graduação, momento em que gradativamente ao longo de todos os semestres do curso o aluno entra em contato com as diversas abordagens teórico-metodológicas, com a possibilidade de discutir idéias, esclarecer dúvidas, argumentar e contra-argumentar com professores e colegas, e desta forma vai elaborando sua compreensão da própria profissão.

Partindo da compreensão teórico-crítica do exercício profissional e das relevantes contribuições dos colaboradores, especialmente os alunos e os professores, percebe-se a necessidade constante de buscar um aperfeiçoamento, que visa a construção da trajetória do perfil profissional ao longo do processo de formação. A exemplo disto cita-se a recorrência de temáticas que emergem do contexto social de forma urgente, como: a inserção do psicólogo na Saúde Pública; as novas Leis de Reforma Psiquiátrica (Lei Paulo Delgado - nº. 10.216-2002 e Lei de Volta Para Casa - nº. 10.708-2003.) a proposta de Lei do Ato Médico (PLS nº 25/2002), entre outras, que interpelam a práxis psicológica e atingem diretamente o cotidiano da IES, do aluno em formação e dos psicólogos, como imperativo para continuidade da profissão-Psicologia.

Colabora, nesse sentido, o pensamento de Freire (1979) ao caracterizar a consciência ingênua e a consciência crítica relacionando-as de forma esclarecedora e incitando a uma discussão enriquecedora em torno de elementos que podem demarcar condições para uma formação crítico-reflexiva da prática na academia, na profissão, e, sobretudo, enquanto cidadão. Assim, Freire (1979, p.41) ressalta a consciência crítica: "Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas os aceita na medida em que são válidos".

Desta forma, e sem a pretensão de esgotar as possibilidades, indicam-se considerações relevantes para a formação em nível superior, em particular no curso de Psicologia. A priori é interessante o conhecimento da própria IES e de sua proposta pedagógica do Curso, apresentadas em site e em atividades promovidas pela Instituição⁶

Destaca-se, ainda, a necessidade de enfrentar os desafios da leitura reflexiva, que conduz a elaboração própria, a partir de recursos didáticos orientados pelo corpo docente e acervo bibliotecário, como também investigações próprias de acordo com temas de

⁶O Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia da FSA-PPC passou por processo de reconhecimento em 13/06/2006, avaliado por comissão do MEC_INEP, apresentando conceito muito bom-CMB.



interesse, adequados à postura crítica inerente ao nível de graduação; a organização disciplinada de materiais didáticos e o conhecimento da normalização oficial dos trabalhos, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

Diante do exposto pretende-se com este trabalho identificar as motivações que levaram alunos ingressantes a realizarem a escolha pela graduação em Psicologia e relacioná-las ao perfil do egresso proposto pelo Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho - Teresina - PI, no intuito de refletir junto ao corpo discente a construção da sua trajetória na formação do ser psicólogo.

Percurso teórico-metodológico

A proposta teórico-metodológica do trabalho possui como base uma pesquisa qualitativa, com uma amostra de 20 (vinte) alunos ingressantes do curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho – Teresina - PI. A coleta de dados se deu a partir de uma entrevista semi-estruturada contendo duas questões indutoras: “*Por que você escolheu o curso de Psicologia?*” e “*O que é ser psicólogo?*” A análise dos dados foi realizada a partir da Técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1999). O ponto central do estudo foi subsidiado pela Teoria das Representações Sociais que possibilitou a apreensão dos questionamentos no que diz respeito às motivações que levaram os ingressantes a escolherem o curso de Psicologia, neste sentido, faz-se mister abordar as Representações Sociais, teoria elaborada pelo psicólogo Serge Moscovici em 1978.

É importante evocar o pensamento de Moscovici (1978) quando ele afirma que a representação social é fruto de um diálogo permanente entre indivíduos e grupos, ou seja, elas se adaptam ao fluxo de interações entre grupos sociais.

Para o referido autor, as representações sociais encarnam um fenômeno típico das sociedades modernas, poli-religiosas, pluripartidárias, mediáticas, em que não há mais mitos unificadores como os gregos ou indígenas, e sim uma proliferação de conceitos, imagens, que nascem e evoluem sob a sociedade, sem terem tempo de se transformar em tradições. Desta forma elas determinam visão de mundo e reação às pessoas e coisas.

Na concepção de Jodelet (1989) as representações sociais são ao mesmo tempo produto e processo de uma atividade de apropriação de uma realidade externa ao

⁶ Site da FSA: www.fsanet.com.br; A Faculdade promove o Workshop de Orientação Vocacional, que está previsto no calendário acadêmico da IES e tem como objetivo apresentar à comunidade estudantil da Educação Básica os seus serviços pedagógicos.

pensamento, e de elaboração psicológica e social desta realidade. Sendo assim, toda representação social é um processo pelo qual se estabelece a relação entre um **conteúdo** - informações, imagens, opiniões, atitudes, relacionado com um **objeto** a partir de um **sujeito** - indivíduo, família, grupo, classe em relação com outro(s) sujeito(s).

Os fenômenos de representação social, segundo Sá (1998), estão disseminados na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais. Eles são, por natureza, difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da interação social.

Porém, a impressão de que todo conhecimento social, dos mais sofisticados aos mais prosaicos, possa ser rotulado como representação é aqui combatida, com vistas ao estabelecimento de critérios objetivos de fenômenos que sejam, realmente, considerados como relevante à efetivação de uma pesquisa. Partindo do pressuposto de que nem todo objeto social é representação social, procuraram-se delinear alguns cuidados prévios para que o estudante não se envolva na pesquisa de meras "pseudo-representações" (Sá, 1998).

Todo fenômeno é capaz de gerar representações sociais? Segundo o pensamento do autor acima mencionado deve-se atentar para o fato de que para gerar representações sociais o objeto deveria ter suficiente "relevância cultural" ou "espessura cultural" quando se refere a um grupo social específico. Não faz sentido tentar estudar a representação de algum objeto se esse fenômeno não existe, ou seja, se o grupo que foi selecionado para o estudo simplesmente não tem uma representação do objeto que se resolve estudar.

Deve-se reconhecer que uma dificuldade para a identificação prévia dos fenômenos de representação social é dada pela possibilidade de um determinado objeto não ser socialmente representado por um dado grupo e que, não obstante, seus membros falem sobre tal objeto. Podem fazê-lo ao emitir uma opinião isolada ou uma atitude favorável ou desfavorável sobre o objeto, o que não significa que tais relatos possam ser considerados como representação do objeto; para tal reconhecimento uma atitude ou uma opinião não significa representação social (Sá, 1998).

Conforme Sá (1998), se o acesso ao objeto da pesquisa se dá apenas através do discurso dos participantes, talvez seja realmente impossível saber se suas falas são realmente indícios de representações ou se foram produzidas em função apenas de estímulos ou estados psicológicos momentâneos.

O mesmo autor adverte os pesquisadores para o fato de que entrevistas e questionários podem trazer *pseudo-representação*, por exigirem respostas dos sujeitos que desejam participar da pesquisa, sabendo que eles as darão, mesmo que nunca tenham pensado



sobre o assunto ou acompanhado discussões sobre ele no âmbito do seu grupo.

De acordo com Jodelet (1986), deve-se evitar trabalhar sobre o discurso social flutuante, sem assento nem referência sobre a prática, e apresentando, sobretudo, o risco de ser falacioso. A construção do objeto de pesquisa deve estar incluída numa investigação que faça uma ponte entre o pensamento social, ou seja – as representações – e as práticas sociais da população estudada.

Como modalidade de pensamento prático, as representações sociais emergem das práticas em vigor na sociedade e na cultura, e as alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para a sua própria transformação (Sá, 1998).

Segundo este autor, os princípios da relevância cultural e da espessura social justificariam a existência de representações, ou seja, o objeto de pesquisa se encontraria implicado, de forma consistente, em alguma prática do grupo, aí incluída a da conversação e da exposição aos meios de comunicação de massa.

"Assim, para a definição do par sujeito-objeto de uma pesquisa, devemos ter em mente que a representação que os liga é um saber efetivamente praticado, que não deve ser apenas suposto, mas sim detectado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram sistematicamente" (SÁ, 1998, p.50).

Sendo assim, a seleção do objeto de estudo – motivações para escolha do curso de Psicologia - por se constituir um objeto com relevância cultural em relação ao ensino de Psicologia, resolve de fato a questão de estudar esse tema sob a ótica das representações sociais; a escolha dos atores sociais, sendo eles sujeitos singulares diante da demanda profissional, é um fato que se deve levar em consideração por marcar a relação sujeito-objeto fundamentada numa prática social.

A escolha do tema de estudo não pode ser baseada em especulações a propósito de "representações virtuais", ou seja, em suposições quanto à existência do fenômeno envolvendo objetos de representação apenas possíveis. Precisa-se ter, de antemão, alguma confiança de que o fenômeno exista, de que haja certa plausibilidade de que tal ou qual objeto seja representado por tal ou qual sujeito (SÁ, 1998).

Vale salientar, segundo o autor citado acima, que o pesquisador deve se perguntar sobre quais são as práticas correntes no grupo selecionado e se estas parecem envolver o objeto escolhido para estudo. Se ele já tem alguma familiaridade com a vida cotidiana dos sujeitos e com a literatura acerca do objeto, fica mais fácil responder a essas questões. De qualquer forma, será sempre aconselhável observar o grupo, de preferência no âmbito de um estudo exploratório, por meio do qual as perguntas que o pesquisador se fez inicialmente possam ser feitas também aos prováveis sujeitos da pesquisa.

Motivações pela profissão-psicologia: os resultados do estudo à luz das representações sociais

Partindo da proposta teórico-metodológica apresentada à luz da Teoria das Representações Sociais destacam-se os resultados deste estudo com base no relato dos ingressantes do curso de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho – Teresina – PI.

Os discursos dos sujeitos da pesquisa demarcaram a presença de dois grupos categoriais que simbolizam as representações sociais em torno da temática trabalhada.

A primeira categoria aponta o aspecto da *singularidade* no momento da escolha pelo curso. Os ingressantes indicam como subcategorias para *singularidade*: *identificação pela profissão*, *procura de auto-conhecimento*, *bem-estar pessoal* e um *estado de encantamento* diante do ser psicólogo. A segunda categoria aborda o *exercício profissional* e de acordo com a mesma, os sujeitos pontuam as seguintes subcategorias: *ser psicólogo é ter domínio sobre a compreensão do ser humano*, *é poder ajudar as pessoas em suas dificuldades emocionais*, *solucionar problemas* e *atuar no bem-estar do homem na sua relação com o contexto social*.

Para uma melhor visualização dos resultados apresenta-se a tabela abaixo com dados que pontuam uma análise quantitativa:

CATEGORIAS SIMBÓLICAS	SUBCATEGORIAS SIMBÓLICAS	NÚMERO DE UNIDADES DE ANÁLISES
SINGULARIDADE	• IDENTIFICAÇÃO	• 07 - 26%
	• PROCURA DE AUTO-CONHECIMENTO	• 07 - 26%
	• BEM-ESTAR PESSOAL	• 07 - 26%
	• ESTADO DE ENCANTAMENTO	• 07 - 26%
EXERCÍCIO PROFISSIONAL	• COMPREENSÃO DO SER	• 16 - 32%
	• AJUDAR AS PESSOAS	• 16 - 30%
	• SOLUCIONAR PROBLEMAS	• 10 - 20%
	• BEM-ESTAR DO HOMEM COM A SOCIEDADE	• 09 - 18%

fonte:



De acordo com os dados estatísticos pode-se afirmar que existe uma equivalência nos resultados da categoria *singularidade* em que os sujeitos da pesquisa para cada subcategoria apresentaram 25% no número de unidades de análise, ou seja, representando o número de vezes que as subcategorias apareceram no discurso. Na categoria *exercício profissional* pode-se observar que a subcategoria mais evocada foi a *compreensão do ser* como representação social da motivação pela escolha do curso de Psicologia e a menos evocada foi o bem-estar do homem com a sociedade; no entanto todas as subcategorias retratam a realidade da busca pela profissão-Psicologia, pois os números demonstram uma coerência nas respostas dos sujeitos da pesquisa.

Considerações finais: as motivações dos ingressantes pelo curso de psicologia e suas interfaces com o perfil do egresso Da Faculdade Santo Agostinho

Para finalizar o trabalho ressaltam-se as reflexões evidenciadas a partir do corpo categorial encontrado no discurso dos sujeitos da pesquisa e sua interlocução com o projeto pedagógico do curso de Psicologia da IES e o código de ética do exercício profissional do psicólogo.

A categoria *exercício profissional* e suas subcategorias simbólicas representam uma coerência com o perfil profissional do egresso que a Faculdade Santo Agostinho deseja formar e com o código de ética profissional do psicólogo. Baseados nesta afirmação podem-se citar os seguintes tópicos que evidenciam a questão: Os sujeitos da pesquisa abordaram que ser psicólogo significa construir um percurso que envolve a compreensão do ser, ajudar as pessoas, solucionar problemas emocionais e proporcionar o bem-estar do homem com a sociedade. O curso de Psicologia pode potencializar a atuação do psicólogo em vários campos profissionais por meio de uma melhor qualidade dos fenômenos e processos psicológicos presentes em todos os tipos de atividades humanas. O profissional de Psicologia ensina a usar o conhecimento psicológico nas suas múltiplas atividades da vida e do exercício profissional, além de cuidar dos problemas psicológicos quando já se instalaram e produziram prejuízos, sofrimentos e lesões.

O perfil profissional do estudante de Psicologia da FSA prevê ações educativas para a preparação de psicólogos competentes e criativos na análise e compreensão dos conteúdos vivenciados e na aplicação dos conhecimentos científicos obtidos no decorrer do curso; conscientes e éticos do trabalho que deve desempenhar para auxiliar no bem-estar do homem e suas relações sociais.

O psicólogo deve intervir diretamente na *solução de problemas psicológicos* de forma a atenuar sofrimento, reabilitar capacidades de atuação, recuperar capacidades de atuação, eliminar e prevenir problemas e processos psicológicos indesejáveis, manter processos e fenômenos psicológicos que contribuam para a qualidade de vida das pessoas e promover (sintetizar, ensinar, criar) processos e fenômenos psicológicos de valor para contribuir para a qualidade de vida de pessoas no meio social, em instituições, organizações, empresas, em atividades cotidianas, profissionais, familiares, de lazer, entre outros.

Outra forma de atuação diz respeito ao empreendedorismo que corrobora



com a subcategoria *bem-estar do homem com a sociedade* significando que o trabalho do psicólogo é projetar ações em função de necessidades sociais, além das demandas de mercado, propor formas de trabalho para outras pessoas em função de possibilidades de atuação significativas para a sociedade, processar os problemas sociais de forma a identificar prioridades de atuação profissional na sociedade, caracterizar as prioridades para atuação profissional em função das necessidades sociais, além das demandas do mercado de trabalho, avaliar as demandas do mercado de trabalho do ponto de vista de sua relevância, de valores éticos, de sua pertinência social e profissional.

A formação ética vem fundamentar a avaliação contínua do *ajudar as pessoas* através de benefícios gerados por sua atuação profissional, avaliar o balanço e a distribuição de benefícios decorrentes de sua atuação profissional e pessoal na sociedade, zelar constantemente para que produza benefícios e não produza problemas e malefícios por meio de sua atuação.

Sobre a prática da *compreensão do ser* destaca-se a capacidade que o psicólogo tem de utilizar instrumentos de diagnóstico aptos a caracterizar o problema que está acontecendo. Isso já o obriga a investigar, avaliar e tomar decisões que exigem uma formação mais complexa do que apenas a dimensão técnica: caracterizar processos, avaliar possíveis determinantes atuais ou do passado e de diferentes naturezas e identificar dificuldades a enfrentar e possibilidades a explorar constituem aptidões importantes a desenvolver para dar início a um processo com maior probabilidade de respeito aos sujeitos de sua intervenção, de precisão e clareza na orientação inicial da intervenção profissional e maior segurança de efetividade no que precisa ser feito.

No que diz respeito à categoria *singularidade* é necessário um espaço de reflexão, pois a ênfase dada pelos ingressantes foi busca pelo *auto-conhecimento e bem-estar pessoal*, isto demonstra demandas iniciais que devem ser modificadas ao longo de sua formação baseados na própria dinâmica técnico-pedagógica do Curso.

No decorrer do Curso de Psicologia o aluno tem contato com diversas abordagens teóricas, bem com os mais variados estilos pessoais dos professores e supervisores. O próprio estudo da teoria leva o aluno a questionar-se sobre sua condição para atuar como profissional da Psicologia. Alguns alunos, ao identificarem a necessidade, iniciam um processo pessoal de psicoterapia como resultado destas reflexões; também podem envolver-se em grupos de estudo ou curso paralelos à graduação, na busca de aprofundar-se melhor em determina-

dos temas ou teóricos; e outros se deparam com as necessidades de eleição de um referencial teórico e do investimento em seu aprimoramento pessoal, somente quando estão aproximando-se da conclusão do curso.

Uma forma de atenuar essa perspectiva é o modelo adotado pela supervisão. Um processo de atendimento psicoterápico tem como objetivo transmitir ensinamentos básicos, mas, principalmente, fazer com que cada estudante ou profissional olhe para dentro de si, para a relação que estabelece com seu cliente, suas limitações pessoais, necessidades de encaminhamentos, bem como o vínculo que desenvolve com o supervisor e também, a sua própria terapia pessoal. Treinar num grupo de supervisão é inserir o terapeuta iniciante num contexto de relações reais onde ele pode avaliar-se, espelhar-se, refletir, e se encontrar com as diferenças, com o outro. É prepará-lo para a relação de extrema responsabilidade que se estabelece entre terapeuta e cliente; uma relação que deve ser pautada na ética, no sigilo profissional e no respeito pelas diferenças.

Desta forma, além do processo de *identificação* com a profissão, que demarca o desejo pelo curso, e o *estado de encantamento* pela práxis psicológica, o aluno terá mais um pré-requisito ímpar para sua formação: o processo de psicoterapia individual que cada futuro psicólogo deverá se submeter independente da área de atuação; será nesta prática que ele poderá ter as respostas para o conhecimento da sua própria subjetividade.



Referências bibliográficas

- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. – 5. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- _____. **Saber pensar**. _ 2. ed. _ São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.
- JODELET, Denise. **Les Representations Sociales**. Paris: PUF, 1989.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Ed. Persona, 1991.
- PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PSICOLOGIA. Faculdade Santo Agostinho. Teresina, 2006.
- CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2005.